

O. HENRY

3 CONTOS
SURPREENDENTES



FREE BOOKS

O. HENRY

**3 CONTOS
SURPREENDENTES**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

Título: 3 CONTOS SURPREENDENTES.

Autor: O. Henry (1862 – 1910).

Tradutores desconhecidos do século XIX.

Fontes: **Eu Sei Tudo**, edição outubro de 1937 (*O Destino Decide pelos Tímidos*), **Carioca**, edição de 7 de abril de 1945 (*O Hábil Detetive*) e **Carioca**, edição de 18 de setembro de 1947 (*Creso e Cupido*). Fizeram-se breves adaptações textuais.

Imagem da capa: Agzan Gaizin/Pixabay.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Nossos Autores – vol. 57.

Editor: Free Books Editora Virtual .

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei 9.610/1998).

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

CRESO E CUPIDO.....	5
O HÁBIL DETETIVE.....	21
O DESTINO DECIDE PELOS TÍMIDOS	32
SOBRE O AUTOR.....	42

CRESO E CUPIDO

O velho Anthony Rockwall, industrial, retirado e proprietário do sabão "Eureka de Rockwall", olhou pela janela da biblioteca de sua mansão na Quinta Avenida e fez uma careta. Seu vizinho da direita, o aristocrático G. Van Schuylight Suffolk-Jones, saiu de casa para tomar o carro que o esperava, enrugando o nariz, como sempre, quando, ao passar, observava o baixo relevo da renascença italiana que adorna a frente da casa de Rockwall.

— Vai-te para o diabo, velho preguiço — comentou o ex-Rei do Sabão. — Irás parar no museu de antiguidades, se te descuidas. No próximo verão, pintarei a casa de vermelho, branco e azul, e veremos se teu nariz de holandês pode levantar-se ainda mais alto.

E Anthony Rockwall, que desdenhava as campainhas, foi até a porta da biblioteca e gritou:

"Mike!" com o mesmo tom com que antes afugentava o gado nos prados de Kansas.

— Diga a meu filho — disse Anthony ao criado que apareceu — que venha aqui antes de sair.

Quando o Jovem Rockwall entrou na biblioteca, o velho deixou cair o jornal, olhou-o com expressão amável pintada no rosto largo, liso e rude, alisou o queixo com uma das mãos, enquanto que, com a outra, fazia tintilar um molho de chaves no bolso.

— Richard — disse Anthony Rockwall —, quanto pagas pelo sabão que usas?

Richard, que voltara da universidade havia apenas seis meses, surpreendeu-se um pouco. Não havia ainda conseguido captar em toda a sua amplitude o caráter do pai, que se mostrava tão cheio de aspectos inesperados como uma jovem em sua primeira reunião social.

— E tuas roupas?

— Mais ou menos sessenta dólares, em geral.

— És um cavalheiro — disse Anthony Rockwall. — Ouvi dizer que há jovens herdeiros que pagam vinte e quatro dólares a dúzia do sabão e mais de cem dólares pelas roupas. Tens tanto dinheiro para gastar quanto qualquer um deles e, todavia, contenta-te com o moderado. Quanto a mim, uso o velho Eureka não só por sentimentalismo, como também porque é o sabão mais puro que existe. Se pagas mais de dez centavos por sabonete, estás pagando mais perfumes e etiquetas coloridas. Mas meio dólar vai mal para um jovem de tua geração, posição e condição. Como já te disse, és um cavalheiro. Dizem que são necessárias três gerações para fazer um. São tolices. O dinheiro deixa qualquer um tão liso como gordura de sabão. Fiz de ti um cavalheiro. Por Júpiter! Quase fiz um cavalheiro de mim mesmo. São quase tão descorteses e desagradáveis e de tão más maneiras quanto

esses dois velhos nova-iorquinos que tenho de cada lado, que não podem dormir de noite porque comprei uma casa entre ambos.

— Há coisas que o dinheiro não pode comprar — observou Richard um pouco melancolicamente.

— Não digas isso — disse, irritado, o velho Anthony. — Procurei em toda a enciclopédia, até a letra Z, para encontrar alguma coisa que não se compre com ele. Creio que terei de consultar o apêndice na próxima semana. É o dinheiro que me sustenta contra esta gente. Cite-me alguma coisa que o dinheiro não possa comprar.

— Por exemplo — respondeu Richard com uma ponta de amargura —, não se pode comprar um lugar nos círculos sociais mais seletos.

— Ah, não? — estrondou o defensor da raiz de todo o mal. Queres dizer-me onde estariam teus círculos sociais mais seletos se o primeiro Astor não tivesse tido suficiente dinheiro para

pagar sua passagem de terceira classe numa embarcação através do oceano?

Richard suspirou.

— Eis aqui agora ao ponto em que queria chegar — disse o velho baixando a voz. — Por isso te chamei. Está acontecendo alguma coisa contigo, rapaz. Há duas semana que te venho observando. Livra-te disso! Se se trata de fígado, o iate está na baía, com combustível, pronto para zarpar para as Bahamas todos os dias.

— Tens boa pontaria, papai. Erraste por pouco.

— Ah! — disse perspicazmente Anthony. — Como é o seu nome?

Richard começou a percorrer a biblioteca em largos passos. Havia bastante camaradagem naquele velho rude para que sentisse confiança.

— Por que não lhe falas? — perguntou Anthony. — Irá lançar-se ao teu pescoço. Tens

dinheiro e bom aspecto, és um jovem decente. Tuas mãos estão limpas. Não as lavaste com o sabão Eureka. Estiveste na faculdade, mas ela não dará atenção a isso.

— Não tenho tido oportunidade — disse Richard.

— Encontre uma — respondeu Anthony. — Leve-a para passear no parque, para fazer uma excursão a cavalo, ou acompanhe-a à casa na saída da igreja. Oportunidades? Bah!

— Não conheces a roda da sociedade, papai. Ela é parte da corrente que a faz girar. Cada hora e cada minuto de seu tempo estão tomados por dias inteiros. Necessito desta jovem, papai, ou então esta cidade se tornará para mim um pântano imundo. Não pude escrever a ela, não posso fazer isso.

— Uf! — exclamou o velho. — Queres dizer que com todo o dinheiro que tenho não podes obter uma hora ou dias do tempo desta jovem?

— Comecei muito tarde. Vai para Europa depois de amanhã ao meio dia e ali permanecerá por uns dois anos. Agora ela está em Lachmont. Não posso ir lá. Mas me permitiu esperá-la com o carro, na estação central, amanhã às oito e meia. Iremos pela Broadway a toda velocidade até o teatro Wallak e nos reuniremos com a mãe e algumas relações. Crês que ela poderia ouvir alguma declaração minha durante esses seis ou sete minutos? Não. E que oportunidade terei no teatro ou depois? Nenhuma. Não, papai. Esse é um nó que o teu dinheiro não pode desatar. Não podemos comprar com dinheiro nem um só minuto; se pudéssemos, nós, os ricos, viveríamos mais tempo. Não há esperança de obter uma conversa com *miss* Lantry antes do embarque.

— Muito bem, rapaz — disse o velho Anthony jovialmente. — Podes ir para o clube, agora. Fico contente por não se tratar do fígado. Dizes que com dinheiro não se pode comprar o tempo? Bem, naturalmente não podes exigir que

te remetam a domicílio a Eternidade embrulhada, mas já vi o Pai Tempo dar mergulhos muito feios, e andando de joelhos por fossas que estavam cheias de ouro.

Naquela noite, chegou a tia Ellen, gentil, sentimental, apiedada, suspirando, e começou um discurso sobre as aflições dos apaixonados.

— Contou-me tudo — disse Anthony, seu irmão, bocejando. — E lhe disse que a minha conta bancária estava à disposição dele. Começou a falar mal do dinheiro. Disse que as regras da sociedade não podem ser esticadas nem de um metro mais, mesmo quando se tem mais de dez milhões.

— Oh, Anthony — suspirou a tia Ellen. — Desejaria que não tivesses tão alto conceito do dinheiro. A riqueza de nada serve quando se trata de um afeto sincero. O amor é todo poderoso. Se ele tivesse falado antes! Ela não teria recusado o nosso Richard! Mas agora receio que seja tarde demais. Não terá oportunidade de

lhe falar a sós. Todo o teu ouro não pode fazer a felicidade de teu filho.

Às oito horas do dia seguinte, a tia Ellen tirou um curioso anel antigo do uma caixa comida pelas traças e deu a Richard.

— Leve-o esta noite, querido — pediu. Foi tua mãe que me deu. Dizia que traz boa sorte em amor. Pediu-me que o entregasse a ti quando encontrasses a mulher de teu destino.

O jovem Richard tomou reverente o anel e o experimentou no dedo mínimo. Ele deslizou até a segunda falange e ali se deteve, sem poder passar. Tirou-o e guardou-o no bolso do casaco. E pediu o seu carro por telefone.

Na estação, encontrou *miss* Lantry às oito e trinta e dois, e a ajudou a sair de entre a enorme multidão que a rodeava.

— Não devemos fazer mamãe e os outros esperarem, disse ela.

— Ao teatro Wallack, o mais rápido possível
— disse Richard, lentamente, ao motorista.

Cruzaram em grande velocidade a rua 42,
para a Broadway.

Na rua 34, o jovem Richard abriu
rapidamente a portinhola e ordenou ao motorista
que parasse.

— Perdi um anel — desculpou-se ao descer.
— Era de minha mãe e sentiria muito perdê-lo.
Não perderemos um só minuto: sei onde caiu.

Em menos de um minuto, estava de volta
para o carro com o anel.

Mas, durante este minuto, um carro tinha
parado diante do dele. O motorista procurou
passar pela esquerda, mas um pesado veículo o
interceptou. Procurou fazer o mesmo pela direita
e teve de retroceder ante um caminhão de
mudança que não tinha motivo algum para estar
ali. Procurou dar a volta, mas um ônibus que
vinha atrás o impediu. E o homem começou a

blasfemar como se deve fazer. Estava bloqueado numa emaranhada confusão de veículos.

Tinha-se produzido um desses engarrafamentos que, às vezes, interrompem subitamente o movimento de uma grande cidade.

— Por que não segue? — perguntou *miss* Lantry com impaciência. — Chegaremos tarde.

Richard olhou em volta. Viu uma corrente congestionada de bondes, caminhões, automóveis, veículos de toda espécie que enchiam o vasto espaço onde cruza a Broadway com a Sexta Avenida e a rua 84. E ainda continuavam chegando de todos os lados, a grande velocidade, mais carros, que convergiam estrepitosamente para ali, aumentando o clamor de Manhattan, que parecia ter-se congregado ao redor deles. O mais antigo nova-iorquino, entre os milhares de espectadores que se alinhavam nas calçadas, não havia presenciado, em toda a

sua vida, uma congestão de trânsito de tais proporções.

— Sinto muito — disse Richard, tornando a sentar-se —, mas parece que estamos encravados aqui. Este engarrafamento não vai desfazer-se em menos de uma hora. A culpa foi minha. Se o anel não tivesse caído, nós...

— Mostre-me o anel — disse *miss* Lantry. — Agora que não tem remédio, não me preocupo mais. De todos os modos, penso que a peça era ruim.

Às onze horas da noite alguém bateu levemente na porta da casa de Anthony Rockwall.

— Entrem — gritou Anthony, que estava com um casaco vermelho de casa, lendo um livro de aventuras de piratas. Era a tia Ellen, com aspecto de anjo de cabelos grisalhos, abandonado em terra por engano.

— Estão comprometidos, Anthony — disse suavemente. Ela prometeu casar-se com o nosso Richard. No caminho do teatro, produziu-se uma congestão de trânsito e passaram duas horas antes que pudessem sair dali. E agora, ouve, Anthony, e não voltes a gabar mais o poder do dinheiro. Um pequeno emblema de verdadeiro amor, um anelzinho que simboliza um carinho ilimitada e desinteressado, foi a causa de nosso Richard encontrar a felicidade. Caiu na rua e ele desceu do carro para o apanhar. E antes que pudessem prosseguir caminho, deu-se a congestão do trânsito. Ele declarou o seu amor e ela lhe confessou que correspondia a seus sentimentos. Enquanto isso, o carro estava bloqueado. O dinheiro é vil escória comparado com o verdadeiro amor, Anthony.

— Muito bem — disse o velho Anthony. — Fico muito contente pelo rapaz ter conseguido o que desejava. Disse-lhe que não contasse despesas, para o assunto se...

— Mas, Anthony, para que serviria o teu dinheiro?

— Irmã — disse Anthony Rockwall —, deixei o meu pirata numa situação de todos os diabos. Em seus navios se abriram diversos buracos durante a batalha, e ele aprecia muito o valor do dinheiro para o deixar afundar. Desejaria, por favor, que me deixasses continuar a leitura.

A história deveria concluir aqui. Mas, em honra da verdade, devemos descer até o fundo do poço.

No dia seguinte, uma pessoa de mão avermelhadas e de gravata extravagante, que se dizia chamar Kelly, chegou à casa de Anthony Rockwall e foi imediatamente recebido.

— Bem — disse Anthony, apanhando o caderno de cheques —, foi um golpe bem executado. Vejamos: ontem lhe dei cinco mil dólares.

— Tive de pagar mais 300 de meu bolso — disse Kelly. O assunto custou um pouco mais do que tinha calculado. Os carros me saíram a cinco dólares cada um, na maioria; mas os caminhões e os expressos duplicaram a tarifa. Os condutores exigiram dez dólares e um quis vinte. Os agentes foram os que mais receberam: a dois tive de pagar cinquenta e a outros dois vinte e cinco. Mas não foi um belo trabalho, Sr. Rockwall? Alegro-me que aquele diretor de teatro amigo meu não tenha presenciado a pequena cena ao ar livre. Não queria que seu coração arrebetasse de inveja. E tudo sem o menor ensaio! Os moços chegaram ao lugar no momento exato, com uma precisão de frações de segundos. Passaram-se duas horas antes de que qualquer bicicleta pudesse deslizar até a estátua da praça.

— Mil e trezentos. Aqui os tem, Kelly — disse Anthony entregando-lhe um cheque. Seus mil dólares e mais os 300 que gastou. Você não despreza o dinheiro, não é, Kelly?

— Eu? — respondeu Kelly... — Seria capaz de dar uma surra em quem inventou a miséria.

Anthony chamou Kelly quando este já estava na porta.

— Não viu você, durante o engarrafamento, uma espécie de menino gorducho, nu, e que lançava flechas com um arco?

— Não — respondeu Kelly surpreso.

— Já imaginava que o espertinho não se deixaria ver — disse Anthony lentamente.

O HÁBIL DETETIVE

Meses atrás, Thomas Keeling instalou um pequeno escritório detetivesco. Ofereceu seus serviços ao público em condições bastante modestas. Não aspirava a eclipsar a glória de Nick Carter, pois preferia trabalhar por caminhos menos arriscados.

Se um patrão desejava indagar os hábitos de um empregado, ou uma senhora queria investigar as idas e vindas de um marido um tanto alegre, Keeling era o homem indicado. Homem de princípios, tranquilo e estudioso. Lia Gaboriau e Conan Doyle¹ e esperava galgar algum posto mais elevado em sua profissão. Três dias depois de inaugurado o escritório, apareceu uma jovem de vinte e cinco anos, mais ou menos, alta, esbelta e bem vestida. Usava um véu

¹ Émile Gaboriau (1832 – 1873), escritor francês, foi um dos primeiros autores da ficção policial. O escocês Atrhur Conan Doyle (1859 – 1930) é o criador do célebre detetive Sherlock Holmes.

finíssimo que tirou ao ocupar a cadeira que Keeling lhe ofereceu. Seu rosto era distinto e delicado. Tinha olhos vivos e maneiras levemente nervosas.

— Vim vê-lo, senhor — disse com uma suave (mas um pouco triste) voz de contralto —, porque é relativamente estranho nesta cidade e me seria impossível tratar de assuntos particulares com algum de meus amigos. Desejo que vigie os movimentos de meu marido. Por humilhante que essa confissão seja para mim, acho que não tenho mais o seu amor. Vivemos cinco felizes anos de casamento, mas, recentemente, uma jovem, que meu marido conhecera em solteiro, mudou-se para esta cidade e tenho razões para suspeitar que lhe dedica as suas atenções. Quero que o vigie e virei aqui saber o que descobriu. Sou a Sra. Randall. O meu marido, que é muito conhecido, é dono de uma pequena joalheria na Rua dos Álamos. Aqui

tem algum dinheiro por conta dos seus honorários.

Keeling tomou o dinheiro e assegurou à jovem que cumpriria os seus desejos ao pé da letra. E pediu-lhe que voltasse dois dias mais tarde, às quatro horas, para receber a primeira informação.

No dia seguinte, realizou as primeiras investigações. Descobriu a joalheria, onde entrou sob o pretexto de mandar consertar o vidro do relógio. Randall, o joalheiro, era um homem de trinta e cinco anos, aproximadamente, e de modos tranquilos. Sua loja era pequena, mas bem sortida de relógios, diamantes e joias. Outras pesquisas permitiram Keeling verificar que Randall era um homem de bons costumes, não bebia nunca, e trabalhava continuamente na loja.

Keeling espreitou durante várias horas as proximidades da loja e recebeu sua recompensa quando viu entrar nela uma jovem morena. Aproximou-se da porta, de onde podia observar

todo o interior. A jovem entrou sem cerimônia alguma e, inclinando familiarmente, falou com Randall. Por fim, o joalheiro entregou-lhe algumas moedas. A moça saiu e foi andando rua abaixo.

A cliente de Keeling apresentou-se no escritório para saber dos resultados. O detetive contou-lhe ao que assistira.

— É ela — disse quando Keeling lhe descreveu a moça atrevida que entrara na loja. — Atrevida! E Charles dando-lhe dinheiro! Nunca pensei que isso me acontecesse...

E levou um lenço os olhos para conter as lágrimas.

— Sra. Randall — disse o detetive —, o que deseja a gora que eu faça?

— Quero que ver com meus próprios olhos para convencer-me. Também preciso de testemunha para o processo do divórcio. Não suportarei mais esta vida.

No dia seguinte, quando ela voltou ao escritório de Keeling, este lhe disse:

— Estive esta tarde na joalheria sob um pretexto qualquer. A jovem estava lá, mas não ficou muito tempo. Antes de partir disse: “Charlie, esta noite teremos um jantar especial, como você pediu. Depois voltaremos aqui e conversaremos, enquanto você termina o trabalho deste broche de brilhantes”. Esta noite, senhora Randall, lhe proporciona uma boa oportunidade para agir.

— Canalha! — gritou a jovem com os olhos relampagueando. — Disse-me que esta noite tinha que ficar fora até tarde para um trabalho importante. E é deste modo que passa o tempo longe de mim!

— Sugiro — disse o detetive — que a senhora se esconda na loja para ouvir o que disserem. Quando tiver ouvido bastante, pode chamar as testemunhas e acareá-las com seu marido.

— Muito bem. Penso que o policial que fica nas proximidades é um velho conhecido de minha família. O senhor podia explicar-lhe o assunto e, quando eu tiver ouvido o suficiente, o senhor e ele podem aparecer como testemunhas.

— Falarei com ele — disse o detetive. — Venha aqui depois de escurecer e combinaremos tudo para pegá-los.

O detetive procurou o policial e explicou-lhe tudo.

— É curioso — disse este. — Não sabia que o Sr. Randall andasse com essas coisas. Não se pode pôr as mãos no fogo por ninguém. De modo que sua esposa quer esconder-se na joalheria e ouvir o que dizem... Há um pequeno quarto do fundo, onde Randall guarda caixas e papéis. A porta está fechada à chave, naturalmente, mas, se o senhor conseguir que a moça entre ali, poderá esconder-se em qualquer canto. Não gosto de meter-me nestes assuntos, mas simpatizo com ela. Conheço-a desde que era menina.

Ao escurecer, a cliente do detetive entrou apressadamente no escritório. Vestia-se de preto, com simplicidade e tinha um véu no rosto.

— Se Charlie me visse, disse, não me reconheceria.

Foram para perto da joalheria e viram, à oito horas, a jovem entrar na loja. Imediatamente depois, saiu com Randall, de braço dado e ambos se afastaram rapidamente. O detetive sentiu que o braço da moça tremia.

— Bandido! — disse com amargura. — Julga-me em casa, esperando-o como uma boba, enquanto sai com esta mulherzinha! Ah, como os homens são pérfidos!

Keeling levou sua cliente à porta de trás da casa. Não lhes custou forçar a porta e entrar.

— Na loja — disse a moça —, perto do banco em que meu marido trabalha, há um pano que chega até o chão. Se me escondesse ali, eu poderia ouvir tudo.

Keeling tirou o molho de chaves ao bolso e, em pouco, encontrou uma que abria a porta da joalheria, onde brilhava uma luz pálida. A moça disse, entrando na loja:

— Vou fechar esta porta por dentro e quero que o senhor siga meu esposo. Veja se estão jantando e, quando regressar, avise-me com três pancadinhas na porta. Depois que eu tiver ouvido a conversa, abrirei e nós enfrentaremos os culpados. Quero que o senhor esteja a meu lado para proteger-me.

O detetive foi procurar o joalheiro e sua companheira. Viu que jantavam num tranquilo restaurante das proximidades. Quando viu que saíam, Keeling correu para a porta posterior e deu três pancadinhas.

Poucos minutos depois, o joalheiro entrou acompanhado da moça e Keeling viu que a luz brilhava mais intensamente. Voltou então à rua e pôde ver Randall, através da vitrine, trabalhando, e a jovem sentada ao seu lado.

Keeling, para dar-lhes um pouco de tempo, encaminhou-se até a esquina. Ali encontrou o policial, a quem disse que a Sra. Randall estava escondida na joalheria e que o plano ia às mil maravilhas. Voltaram juntos e o guarda lançou um olhar pela vitrine.

— Parecem entender-se muito bem — disse ele. — Onde está a outra mulher?

— Como? Sentada a seu lado, não vê?

— Pergunto pela moça que Randall levou para jantar.

— Mas não estou dizendo...

— Parece que estamos confusos — disse o guarda. — Conhece esta mulher ali?

— Pois é a mulher com que Randall foi jantar.

— Pois é a esposa de Randall. Há quinze anos que a conheço.

— Então... quem?... — balbuciou o detetive.
— Deus Todo-Poderoso, quem está em baixo do pano?

Keeling bateu na porta da loja. Randall veio abrir e ele e o guarda entraram.

— Olhem debaixo da mesa, depressa, gritou o detetive.

— O policial se inclinou e tirou um vestido negro, um véu e uma peruca.

— Essa... essa senhora... é sua esposa? — Perguntou Keeling, apontando para a jovem de olhos escuros que o olhava com inexprimível surpresa.

— Naturalmente, respondeu o joalheiro. — Agora explique-me que diabo quer dizer tudo isso.

— Procure suas joias, Sr. Randall — disse o guarda, que começava a compreender a situação.

*

As joias e os relógios roubados importavam numa boa quantia, que, no dia seguinte, o detetive pagou com o último centavo de suas economias.

Nesta mesma noite, Keeling, no escritório, pôs-se a revistar algumas fotografias de ladrões conhecidos. Por fim encontrou uma. Sob a fotografia de um jovem de traços delicados, dizia a inscrição:

"James H. Miggles, aliás, 'Simon' ou 'A Viúva Chorona', ou 'Himmy, o Suave', escroque e ladrão. Trabalha geralmente com disfarces femininos. Muito agradável e perigoso. A polícia o procura em vários Estados".

Por essas razões, Keeling abandonou sua agência de detetive.

O DESTINO DECIDE PELOS TÍMIDOS

Certa feita, deparei-me com uma revista que valia dez centavos num banco de um parque da cidade. Ao menos, foi este o valor que o homem me pediu quando me sentei ao seu lado. Era uma velha revista, mofada e suja, que continha em si algumas histórias absurdas. Eu estava certo disto. E o homem — ou minha revista — acabou por se mostrar um álbum de recortes. Para testá-lo, disse com afetado desembaraço:

— Sou jornalista e ando em busca de assunto para crônicas. Então, lembrei-me de entrevistar os... sem trabalho, que passam dias e noites nos bancos dos jardins públicos...

O maltrapilho sorriu, fitou-me com olhar irônico e atalhou:

— Pois sim. O senhor não é repórter. Pensa que se vive, assim, olhando para quem passa, sem aprender alguma coisa? Polícia e jornalista são duas raças que eu conheço de longe. O senhor não tem o que fazer e está com vontade de conversar... Pois vamos a isso.

Esperou um instante, e, como eu hesitava, ele riu francamente.

— Veja, nem sabe o que há de me perguntar... E quer me impingir que é repórter. Olhe, está me parecendo que o senhor é quem tem uma história para contar e está mortinho por isso. Pois vá lá! Conte!

O convite me seduziu. Com efeito, eu tinha uma história. Não queria confiá-la a nenhum de meus amigos e também não podia guardá-la eternamente. Ela estava me asfixiando. Não pude mais resistir e abri meu coração àquele desconhecido, aquele pobre-diabo que passava os dias nos bancos de jardim. Confiei-lhe meu triste segredo. Falei-lhe nos dias e meses que

tinha dedicado a adorar em silencio Mildred Telfair. Falei-lhe em meu incessante tormento, minhas insônias, minhas esperanças delirantes e minhas angústias. Exaltei diante daquele infeliz a beleza de Mildred, seus triunfos sociais, sua vida soberba de filha mais velha de um fidalgo sem grande fortuna mas com brasões ilustres.

— E por que não se casa com ela? O senhor parece de boa sociedade e bem munido de dinheiro.

Expliquei-lhe que, embora abastado, eu era de família obscura e isso me tornava horrivelmente tímido. Diante dela, gaguejava, ficava incapaz de ligar duas ideias, provocava seu riso e isso ainda mais me perturbava.

— Há outras moças em casa dessa *miss* Telfair?

— Ha uma irmã de Mildred, duas primas e várias amigas

— O Senhor é igualmente tímido com todas elas? Não? Ah! Com as outras o senhor conversa, ri, sente-se à vontade?... Então seu caso é claro e muito parecido com o meu. Sim. Não se admire. *Miss Telfair* é uma beleza profissional.

— Oh!

— Não proteste — replicou o vagabundo, com autoridade. — Moça que vive preocupada com seu físico, suas toaletes, recepções, visitas, festas... É uma profissional da beleza. É isso que o paralisa. Espere! Vou lhe provar. Apalpe meu braço. Veja. Que diz deste bíceps?

Obedeci maquinalmente e fiquei surpreendido ao encontrar naquele homem, que não devia comer bem todos os dias, músculos que pareciam de aço.

— Há quatro anos — continuou ele — eu era um *boxer* amador famoso. Vencia qualquer um que não fosse profissional. Mas era como o senhor. Conhece, de nome ao menos, MacCarty,

o empresário de box? Pois eu o pus em nocaute todos quantos ele me fez afrontar. Não houve um que me resistisse mais de quatro *rounds*. Amadores, é claro. Cada vez que enfrentava um profissional, sentia as pernas de algodão e os braços de papel de seda. Por quê? Sei lá! Imaginação. A ideia de que o adversário era um profissional tirava-me todos os recursos. Uma noite, depois de um desses fiascos, eu ia pelas ruas, furioso, com vontade de me vingar, esmurrando o mundo inteiro. Fitava com arrogância policiais, choferes, porteiros de cabaré, ansioso por um pretexto para briga. De repente, encontro um grupo de seis homens alentados, e que tomavam toda a calçada. Ao passar por mim, um deles me empurrou desdenhosamente com um ombro. Era o que eu buscava. Voltei-me e atirei-lhe um soco, que o fez girar como um ventilador. E começamos uma troca de murros com todas as regras da arte. O outro tinha técnica, sangue-frio e era sólido; mas, em dois minutos, eu o mandei para a região dos

sonhos. Seus companheiros levantaram-no do chão e um deles, fitando-me curiosamente, perguntou:

— Quem é o senhor ?

— E que tem o senhor com isso? — repliquei, ainda agressivo.

— Nada, homem, nada. Não se zangue... Mas sabe o que fez?

— Dei uma lição a um insolente.

— E pôs a nocaute Reddy Burns, campeão mundial dos pesos médios.

Senti-me desfalecer de emoção, julguei que tinha vencido meu pavor pelos profissionais; mas, no primeiro dia em que voltei a me bater com um, apanhei como um cachorro. São peças que a imaginação nos prega... E repito. Seu caso é perfeitamente igual ao meu. Essa tal Mildred assusta-o e com medo a gente apanha sempre.

Com essa Mildred o senhor nunca arranjará nada.

— Veremos! — repliquei bruscamente. E ergui-me com dignidade.

*

As palavras do vagabundo-filósofo ficaram ressoando em meus ouvidos e uma irritação surda cada vez mais se apoderava de mim. Subindo a escada para meu apartamento, estava resolvido a provar ao homem do banco que era capaz de afrontar Mildred. Sentei-me diante do telefone e disquei para a casa da família Telfair. Fui atendido por uma voz inebriante e perguntei com um nó na garganta:

— É você ?

— Sim, sou eu — respondeu a voz musical e acariciante, que era a característica da família, mas em Mildred me perturbava mais do que em qualquer outra pessoa. Resolvido a ter coragem, precipitei-me.

— Pois então, ouça.

— Mas quem está falando? É Phil ?

— Sim e estou resolvido a acabar com este tormento. É impossível que ainda não tenha compreendido que eu a amo como um louco... Tenho hesitado em lhe dizer, com medo de um desengano mas não posso mais suportar essa incerteza.

— Mas Phil, eu estava tão longe de imaginar — disse a linda voz, um pouco tremula, com uma expressão de orgulhosa surpresa e uma perturbação, que foi para mim um balsamo divino.

— Oh! Não diga isso. Então nunca presentiu ao menos que eu...

— Não, sinceramente, não e sinto-me feliz; muito feliz.

— Meu amor — balbuciei, com enlevo.

— Ouça, Phil... assim pelo telefone é difícil dizer certas coisas. Por que não vem aqui?

*

Menos de um quarto de hora depois, cheguei à casa dos Telfair.

Apenas o criado abriu a porta, vi Bess, a irmã mais moça de Mildred, que, de pé no vestíbulo, parecia esperar-me. Eu nunca tinha notado que seus olhos eram tão lindos... Mas é possível que, nesse dia, estivessem assim encantadores, pela expressão com que me fitavam. De resto, embora sem lhe dar grande atenção, eu sempre reconhecera que ela era bonita, muito bonita mesmo. Era bastante dizer que se parecia extremamente com Mildred; apenas não tinha aquelas atitudes hieráticas, altaneiras... Era mais simples, mais suave...

Não tive porem tempo para raciocinar, pois ela se dirigiu a mim, estendendo-me as mãos e

murmurando, com as faces iluminadas por um leve rubor:

— Phil... há quanto tempo eu desejava esse momento... sem esperá-lo. Eu desconfiava que era de Mildred que você gostava.

*

Estava escrito. Eu e o homem do banco de jardim estávamos condenados a só lutar com êxito tendo como adversário um amador. Verdade seja que eu tinha uma compensação magnífica. Em Bess o termo amadora tem a estrita e deliciosa expressão de *criatura que ama*, com uma afeição tão apaixonada e sincera que acabou por despertar meu coração, fazendo-me compreender que eu tinha por Mildred mais admiração de esnobe do que verdadeiro amor.

SOBRE O AUTOR

O. Henry (1862-1910), nascido William Sydney Porter em Greensboro, Carolina do Norte, Estados Unidos, é um dos maiores nomes do conto universal. Muito popular em seu tempo, deixou contos antológicos, ainda hoje muito apreciados, como “[O Presente dos Magos](#)”, “A Última Folha” e “O Caminho que Tomamos”.